

## RECORDIALIZAR (RECORDAR COM O CORAÇÃO)

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Começo esta coluna citando um filme, “Os Esquecidos”, não é um grande filme desses que causam *frisson* e concorrem ao Oscar, prêmios internacionais etc. Também não é um filme que, à primeira vista, provoque grande repercussão e leve a reflexões mais profundas.

Na verdade acredito que seja, por sua concepção, apenas mais um produto comercial de Hollywood. Eu mesmo só assisti escolhendo-o por eliminação em uma locadora lá na década de 2000.

Lançado em 2004, o filme foi classificado como “drama/ficção-científica”. A trama gira em torno de uma mãe que, inconformada com a morte de seu único filho em um acidente aéreo, recorre à ajuda psicológica para superar a tragédia. Eis que o psicólogo lhe diz que seu filho nunca existiu e que as lembranças que ela tem em relação a isso são frutos da própria imaginação. *Spoiler*: por trás deste enredo há uma enorme conspiração levada a cabo para apagar a memória da protagonista. O filho era real e muitos outros personagens se envolveram no que, ao longo do filme, se revela ser uma experiência sobre a possibilidade de se “desmemorizar” as pessoas.

..... Este é o ponto a partir do qual escrevo. ....

Ao terminar de ler aqui na Coluna Opinião o texto de Rosangela Gaze sobre o desabamento do Palace II, publicado em 18 de maio de 2022, um fato acendeu minha luz de alerta em relação à questão da memória, ou melhor das memórias que cada um de nós carrega. Em determinado trecho, o texto diz que “os moradores foram autorizados a entrar nos apartamentos para retirar pertences essenciais”. Me colocando no lugar desses moradores fiquei imaginando que “pertences essenciais” seriam esses. Se fosse comigo tenho certeza que as primeiras coisas que iria garimpar nos escombros não seriam documentos ou utensílios de uso diário, mas sim fotografias e objetos que fortalecem minha memória afetiva, registros físicos de minha existência. A velha *Rolleiflex* do meu pai, a balança de cozinha de minha mãe, cartões postais, cartas, discos de vinil, cd’s etc. Coisas que gosto de preservar.

**João Cândido Portinari**, filho de Cândido Portinari, provavelmente o maior pintor brasileiro, citou em entrevista ao portal Radis em dezembro de 2020 o quadro “Os Despejados” onde aparece pela primeira vez o bauzinho de folha de flandres.

*“E tem também um baú, que depois vai aparecer bastante na iconografia criada por Portinari, ao longo de todo o seu percurso criador. Eu vi esse bauzinho na casa dos meus avós. Todas as famílias pobres tinham um baú como esse, feito de folha de flandres, decorado externamente com flores. Servia para a memória da família, o cacho de cabelo da menina, os óculos do avô, o cachimbo do tio. Era uma espécie de tesouro. E isso representava, para meu pai, a memória dos mais humildes.”*



<https://www.revistaprosversosarte.com/content/uploads/2017/10/Memino-retrato-segrando-bauzinho-Portinari-1947-696x861.jpg>

E como a questão das memórias nos afeta nos dias de hoje? No dia 12 de maio de 2022, a Polícia Carioca destruiu um memorial erguido pelos moradores do Jacarezinho em homenagem às vítimas da chacina que a mesma polícia havia realizado um ano atrás, em 06/05/2021. —————>



[r7rio-052022-destrucao-memorial-jacarezinho-11052022195742718 \(771x420\)](https://www.globo.com/rio/05-2022-destrucao-memorial-jacarezinho-11052022195742718-771x420)

No dia seguinte, em outra notícia, soldados israelenses tumultuaram o funeral da repórter que, ao que tudo indica, eles mesmos haviam assassinado dias antes ([veja](#)). Interpreto tais atos como ações deliberadas de apagamento de memória, não através de uma sofisticada experiência pretensamente científica, mas pelo método que eles mais idolatram, a violência. —————>

A meu ver, tanto a polícia brasileira quanto o exército israelense tentaram, nesses episódios, levar a cabo uma segunda morte de suas vítimas. Não satisfeitos com a eliminação dos corpos, querem também exterminar a história de vida dessas pessoas, visam apagar o significado dessas existências, desumanizá-las, reescrever a história como se elas jamais tivessem existido. Além disso, também querem calar a eventual resistência e o sentimento de revolta de quem restou vivo. A morte de alguns serve, segundo o raciocínio deles, como aviso aos que sobreviveram. É uma forma de ameaça, de garantir o silêncio, não somente dos sobreviventes como também das gerações futuras que eles querem manter submissas.

*Não à toa essa gente trabalha contra todas as formas de manifestação que nossa gente valoriza.*

*Somos diferentes deles e temos que valorizar este fato,  
somos nós que lutamos pela preservação da memória histórica, valorizamos as pesquisas e os museus,  
lutamos pela preservação ecológica, reconhecemos os saberes das pessoas do campo  
e dos indígenas, somos nós que respeitamos a cultura em todas as suas formas de manifestação,  
das religiões às lutas sociais. Em suma, podemos nos considerar melhores do que eles, também porque  
cultivamos nossa memória, somos capazes de recordalizar (recordar com o coração).*

*Recordar é viver, recordar é resistir.*

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*